

A DOCTRINA AGOSTINIANA DA ILUMINAÇÃO TRINITÁRIA: UMA ANÁLISE DESDE A AÇÃO ILUMINATIVA DA TRINDADE NA CRIAÇÃO ATÉ A REDENÇÃO DO HOMEM EM CRISTO

Rafael Pinheiro Rodrigues *

RESUMO

A Trindade, entendida como Luz, abrange toda criatura desde sua origem ontológica até a sua plena realização. Na conformidade entre iluminação trinitária e a constituição tríplice das criaturas (ser, ciência e vida), a iluminação é atrelada necessariamente à criação. No que diz respeito propriamente ao homem, tem-se que ele está voltado para a luz divina, desde a sua constituição ontológica *ad imaginem et similitudinem Dei*; assim, pode conhecer a Verdade e amar seu Criador, até que se alcance o nível moral de conformidade com o projeto divino. A ação iluminativa de cada Pessoa da Trindade, a qual incide sobre a razão e move a vontade do homem, especialmente ao convertê-lo das trevas na redenção, visa à participação da humanidade na vida feliz e sábia e ao seu repouso em Deus.

Palavras-chave: Trindade; Iluminação; Homem; Redenção.

INTRODUÇÃO

A Trindade age em toda a criação, mas especialmente é no homem que luz incide com mais iminência e promove sua obra de perfeição. A ação iluminativa na criatura humana revela a grandeza da mente e do coração do homem, mas também traz à tona a dessemelhança causada pelo pecado. Por isso, ela tem como ápice a redenção operada em Cristo, Verbo encarnado, pois é a Segunda Pessoa da Trindade, assumindo a natureza decaída, retira o homem das trevas do pecado e o redireciona ao conhecimento de Deus. A iluminação tem, pois, caráter salvífico.

Agostinho se debruça sobre a relação entre Trindade e o homem e a esse assunto dedica muitos escritos. Eles são fundamentais para se compreender que a eminência do homem não consiste simplesmente em sua capacidade de se autoafirmar, mas sim de voltar-se

* Seminarista – Arquidiocese de Brasília
Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília Nossa Senhora de Fátima
Curso de Teologia – Seminário Teológico
E-mail: rafaelpinheiro93@gmail.com

ao Criador numa submissão livre e total à vontade divina, pois é assim que ele encontra, gradativamente, a ascensão ao repouso eterno, isto é, à realização mais íntima de si.

Esta presente pesquisa desenvolve o assunto da iluminação trinitária em três grandes momentos. Primeiramente, aborda-se a ação iluminativa da Trindade na criação e propriamente no homem, levando-se em consideração a Trindade como Luz e as ações específicas de cada Pessoa divina. Depois, explica-se o homem na sua relação com a Trindade, ou seja, na sua constituição *ad imaginem Dei* e no seu modo de conhecer a Deus. Por fim, a redenção humana em Cristo, na qual o homem mergulhado nas trevas do pecado recebe a ação de seu mediador, cuja iluminação é fundamental para a economia da salvação.

1 A AÇÃO ILUMINATIVA DA TRINDADE NA CRIAÇÃO

Antes de se adentrar propriamente na dimensão da iluminação trinitária no homem, na qual se dá o ápice da relação de Deus com a criatura, é importante frisar pontos-chave da abordagem da doutrina agostiniana no que tange à criação como um todo. Este é o princípio da compreensão do pensamento de Agostinho: a Trindade age na criação e marca nela seus vestígios, pelos quais o homem pode ascender ao conhecimento de Deus.

1.1 A Trindade como Luz

1.1.1 A Trindade e a criação

As exegeses bíblicas do século IV acerca da criação fundamentaram-se na tradição agostiniana segundo a qual a criação é totalmente realizada por Deus como ato de liberdade e gratuidade. Desse modo, “a criação divina do mundo estabelece a dependência ontológica de toda criatura em relação a Deus”¹. É Deus quem dá o ser a toda criatura, e isso configura livre doação de existência dos seres.

Obviamente, essa dependência ontológica não sustenta que o criado é igual ao Criador, haja vista que as criaturas não são feitas da substância divina. Todavia, mesmo um sendo diverso do outro, não há cisão total, “pois o ato criador estabelece uma semelhança entre todas as criaturas e Deus”.²

¹ AYOUB, Cristiane Negreiros Abbud. **Iluminação trinitária em Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2011, p. 28.

² AYOUB, loc. cit.

Agostinho desenvolve a relação entre a criação e a iluminação divina comentando o *fiat lux* do primeiro capítulo de Gênesis³. Esse momento caracteriza o aspecto formador do ato criativo de Deus, pois “o que era informe, desordenado, invisível e trevas recebe luz. [...] A informidade é rompida pela iluminação divina [...]. Iluminar é, portanto, conceder formas, ordem, posições e distinções”.⁴

A partir do recurso interpretativo da prolepse⁵, muito utilizado na filosofia agostiniana, entende-se que, na conformidade entre iluminação trinitária e a constituição tríplice das criaturas (ser, ciência e vida), a iluminação é atrelada necessariamente à criação. De fato, “o ser e a vida não são iluminados efetivamente, mas o são por antecipação, na medida em que correspondem à capacidade de serem iluminados, sem a qual a iluminação divina não tem seu correlato, ou seja, não pode ser concebida logicamente”⁶.

2.1.2 A Trindade e o homem

No que diz respeito propriamente ao homem, segundo esse mesmo recurso interpretativo, tem-se que a vida humana está voltada para a luz divina, desde a sua constituição ontológica, passando pela lógica do conhecimento até que se alcance o nível moral da sabedoria e da felicidade em Deus. Em linhas gerais, considerando toda a criação, a iluminação abrange a criatura desde a sua origem ontológica até a sua plena realização.

A vida anterior à iluminação é criada para ser iluminada, ou seja, iluminar-se-á quando (1) a mutabilidade da alma voltar-se para Deus, imutável no ser, (2) quando seu conhecimento souber a altíssima ciência de Cristo e (3) quando se constituir em uma vida sábia e feliz. A iluminação é, portanto, a especificação da criatura e também sua perfeição.⁷

A partir dessa ideia da concepção divina da criação, é possível perceber uma tríade de ser, ciência e vida na ação iluminativa da Trindade. Essa estrutura, por assim dizer, será explicitada mais adiante, ao se falar de ontologia, gnosiologia e moral na iluminação.

Para explicar que a Trindade é Luz, Agostinho, na sua obra *Solilóquios*, lança mão da figura do sol. “Como o sol físico ilumina o mundo, assim também o universo dos espíritos criados tem seu sol inteligível que ilumina tudo”⁸. Todavia, há dois pontos importantes a serem considerados. Primeiramente, a iluminação não é sinônimo de visão beatífica e

³ Gn 1, 3-5.

⁴ Ibid., p. 40.

⁵ Antecipação de fatos ou consideração de um fato iminente como já ocorrido (AYOUB, 2011).

⁶ AYOUB, op. cit., p. 37.

⁷ AYOUB, 2011, p. 95.

⁸ AGOSTINHO. *Solilóquios*. Trad. Adauri Fiorotti. São Paulo: Paulus, 1998, p. 12 (Patrística; 11)

tampouco é propriedade da natureza humana.⁹ Em segundo lugar, o homem não é meramente passivo na ascensão ao conhecimento perfeito, porque Deus considera a livre vontade humana, que, por sua vez, sustenta a inteligibilidade humana. “A visão imediata da essência divina reserva-se para a vida futura; aqui o ser dialético e discursivo sobre do criado ao Criador”.¹⁰

Em [Sol.] I, XIII, 23 Agostinho expõe uma dialética de gradativa ascensão, oposta a qualquer ontologismo ou visão natural de Deus. Deve-se passar, aos poucos, pelas coisas sem brilho, pelas que adquirem brilho através da luz, contemplando-se depois o fogo, os astros, a lua, o fulgor da aurora e o resplendor do amanhecer, a cada um de acordo com a condição de sua firmeza, como graus e etapas que levem a compreender sem perturbação o absoluto, o sol iluminador.¹¹

A iluminação promove no homem a contemplação das coisas criadas, a fim de que finalmente compreenda o absoluto e o imutável, Deus. A respeito disso, Agostinho analisa a cena bíblica do encontro de Jesus com Marta e Maria¹² para sustentar a sublimidade da contemplação em relação à finalidade do homem. Ele diz que, pela contemplação, Deus se faz presente plenamente na criatura¹³, e esta nele ganhará como recompensa o que tanto anseia, graças à inspiração do próprio Espírito¹⁴: o repouso no gozo eterno do Senhor.

Ao falar de Trindade como luz espiritual e imutável, Agostinho faz questão de abrir um parêntese para explicar que as três Pessoas divinas não são três luzes juntas, mas uma só e única luz, bem como não são três sabedorias e três seres, pois o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma só essência e, conseqüentemente, um só ser e uma só sabedoria¹⁵. Entretanto, sem que haja contradição, a definição de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo implica a ampliação do polo divino, de forma que “a cada uma dessas pessoas corresponde uma compreensão peculiar de iluminação”.¹⁶

⁹ “A teoria da reminiscência — II, XX, 35. Agostinho conhecia muito bem esta doutrina platônica, defendida por Plotino e Porfírio, discípulos de Platão. Agostinho era versado nas obras desses dois discípulos de Platão, mas não parece jamais ter defendido a ideia deles. Mantém a palavra reminiscência, mas esvazia-a de seu significado platônico, introduzindo uma doutrina que lhe é própria, a doutrina da iluminação por Deus, Sol dos espíritos” (Sol., intr., p. 9).

¹⁰ AGOSTINHO, loc. cit.

¹¹ AGOSTINHO, loc. cit.

¹² *Trin.*, I, 10, 20.

¹³ 1Cor 15, 28.

¹⁴ Rm 8, 26.

¹⁵ *Trin.* VIII, 3, 6.

¹⁶ AYOUB, 2011, p. 23.

1.2 A ação iluminativa de cada Pessoa da Trindade

1.2.1 A ação iluminativa e a criação

No livro de Sabedoria¹⁷, lê-se: “Entretanto, tudo dispuseste com medida, número e peso”. Compreende-se, por revelação, que as criaturas apresentam uma tríplice estrutura, graças aos três modos de iluminação (cada um atribuído a uma Pessoa da Trindade). Por isso, elas não são iguais entre si e se dividem em diferentes gêneros de seres: corporais (inanimados), animados (irracionais) e racionais (homens e anjos).¹⁸

Para Agostinho, cada Pessoa da Trindade é responsável por um aspecto na criação: o Pai é o artífice; o Filho-Verbo é a Sabedoria e o poder pelo qual o Pai cria; e o Espírito Santo é aquele que confere a unidade entre o Pai e o Filho.¹⁹ E, na linguagem da passagem bíblica acima citada, “a ação paterna confere medida ao ser das criaturas; o Filho imprime os números (equivalentes às formas, ideias ou razões); e o Espírito Santo atribui o peso”.²⁰

1.2.2 A ação iluminativa e o homem

No livro das *Confissões*²¹, Agostinho explicita a ação trinitária na constituição do homem, visto enquanto imagem das três pessoas da Trindade. Com efeito, o Pai concede ao homem um ser iluminável e, portanto, futuramente perfeito, na plena iluminação; o Filho eleva a razão ao conhecimento necessário para que a imagem se volte para a Semelhança divina (isto é, o Verbo) e, assim, seja plenamente formado; e o Espírito Santo move a vontade humana para a sua finalidade, que é a perfeição e a formação em Deus.²²

Os âmbitos da iluminação trinitária, a saber, a ontologia (atribuída ao Pai), a gnoseologia (atribuída ao Filho) e a moral (atribuída ao Espírito) são três aspectos propostos por Agostinho na compreensão da Trindade, quais sejam, o ser, o conhecer e o querer. Eles são equivalentes, respectivamente, ao Pai (que existe imutavelmente), ao Filho (que sabe imutavelmente) e ao Espírito (que quer imutavelmente). Ao mesmo tempo, são contemplados na integralidade das três Pessoas divinas, “em razão de uma copiosa magnitude da unidade”²³.

Com efeito, sou, conheço e quero. Sou cognoscente e querente, conheço que sou e que quero e quero ser e conhecer. Logo, veja quem pode até que ponto há nesses três

¹⁷ Sb 11, 20.

¹⁸ Cf. AYOUB, op. cit.

¹⁹ Cf. AYOUB, op. cit.

²⁰ AYOUB, 2011, p. 23.

²¹ *Conf.*, XIII, v, 6.

²² Cf. AYOUB, op. cit.

²³ *Conf.*, XIII, xi, 12.

aspectos uma única vida inseparável e também uma única vida, uma única mente e uma única essência; até que ponto, enfim, há uma distinção inseparável e, no entanto, há uma distinção.²⁴

A ação iluminativa da Trindade, como foi visto, visa ao repouso definitivo do homem, em que ele viverá a plena Felicidade e o gozo eterno. As ações de cada Pessoa divina se envolvem na realização humana da seguinte maneira: “o Filho vincula-se estritamente com o Pai (Ser em sentido pleno) e o Espírito (amor supremo que move a alma para a Felicidade)”.²⁵

Referindo-se particularmente ao Espírito Santo, Agostinho reza a Deus: “Em teu dom repousamos e nele gozamos em ti. Ele é o nosso descanso, é o nosso lugar. É para lá que o amor nos arrebatava. O Espírito Santo nos eleva a humildade, afastando-nos das portas da morte. Na tua boa vontade temos a paz”.²⁶ Na analogia que o santo faz entre Espírito Santo e o peso dos corpos - porque, segundo ele, “todo corpo, devido ao peso, tende para o lugar que lhe é próprio”²⁷ -, ele conclui dizendo que é o amor (Espírito) que o homem, fazendo-o mover-se em gradual ascensão interior para Deus.

Meu peso é o amor; por ele sou levado para onde sou levado. Teu dom²⁸ nos inflama e nos leva para o alto [...]. É o teu fogo, o teu fogo santo que nos inflama e nos move, enquanto subimos para a paz de Jerusalém. “Quanta alegria quando ouvi: vamos à casa do Senhor!”²⁹

A partir dessa realidade da condução do Espírito Santo, observa-se que, em Santo Agostinho, o lugar do homem é onde ele encontra o gozo de Deus; dada a ordem de Deus na criação, “o homem repousa ao se aproximar de Deus e alcançar seu lugar natural”.³⁰ O Espírito Santo desperta no homem dócil ao amor uma busca ativa que se opõe a toda impureza e volta a vontade para o amor que está acima da mente, o amor de Deus; enfim, esse dom de Deus no coração move o homem para o repouso na sabedoria e na felicidade.³¹

Para maior compreensão da ação iluminativa da Trindade, é necessário abordar propriamente o homem tanto no que se refere à sua constituição e quanto ao modo de conhecimento de Deus.

²⁴ *Conf.*, XIII, xi, 12 apud AYOUB, op. cit., p. 75.

²⁵ AYOUB, op. cit., p. 90.

²⁶ *Conf.*, XIII, ix, 10.

²⁷ *Conf.*, XIII, ix, 10.

²⁸ O Espírito Santo é verdadeiramente um dom divino, sem o qual o homem continuaria impossibilitado de crescer em caridade (Rm 5,5 apud *Conf.* XIII, vii, 8), por causa do pecado, que o faz agir segundo uma contravontade, oposta ao amor de Deus (AYOUB, 2011, p. 92). Sobre a realidade do pecado, falaremos mais adiante.

²⁹ *Conf.*, XIII, ix, 10.

³⁰ AYOUB, 2011, p. 92.

³¹ *Ibid.*, p. 93.

2 O HOMEM NA SUA RELAÇÃO COM A TRINDADE

2.1 Homem *imago Dei*

Pelo que foi dito acima, é evidente que a Trindade e o homem se relacionam de maneira eminente no plano da criação. Deus ilumina a criatura humana e a eleva, tornando-se capaz, graças ao dom do Espírito Santo e da comunicação do Verbo, alcançar o repouso no Senhor segundo o projeto de realização do Pai, numa dimensão transcendente de ser, conhecimento e vida feliz e sábia.

Uma vez que somente o homem alcança esse nível de relacionamento com Deus-Trindade, então, ele é a criatura que mais expressa a perfeição daquela estrutura tripartite que Agostinho explica: medida, número e peso.³² Especificamente falando, isso se dá porque o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, como argumenta Ayoub³³: “Apenas a alma intelectual do homem recebe esses traços (medida, número e peso) de modo mais perfeito, pois foi feita à imagem e semelhança da Trindade”.

Aqui se conjugam “duas definições axiais, quais sejam: o homem feito *ad imaginem Dei* e o Deus-Trinitário criador, formador e ordenador”.³⁴ Ora, os maniqueus ironizaram veementemente essa aceção de homem, por julgarem que os cristãos defendiam uma semelhança corpórea entre a criatura humana e seu Criador, o que caracteriza antroporfismo divino³⁵. Todavia, o cristianismo nunca defendeu essa ideia de materialidade de Deus. Aliás, Agostinho salientava que essa crença era ridícula e até ímpia, por ser Deus espiritual e sem limitação corpórea.³⁶ Por sua vez, o corpo humano alude a Deus, porque sua postura ereta indica que ele está espiritualmente voltado para o alto, “muito embora seu formato não qualifique o homem à imagem divina [...]”.³⁷

Também nosso corpo foi formado de tal modo que mostra sermos melhores que os animais e, por isso, semelhantes a Deus. Com efeito, os corpos de todos os animais, seja dos que vivem nas águas, seja dos que vivem na terra, seja dos que vivem nos ares, são inclinados para a terra, e não são eretos como o corpo do homem. O que dá a entender que também nossa alma deve estar levantada para as coisas superiores, ou

³² “Portanto, o estatuto de imagem, além de conferir ao homem essa posição intermediária, faz dele o reflexo da ordem do universo: o homem é um microcosmo, pois seu ser revela a ordem da criação” (AYOUB, 2011, p. 49).

³³ AYOUB, 2011, p. 23.

³⁴ AYOUB, loc. cit.

³⁵ *Gn. c. Man.*, I, xvii, 27.

³⁶ Cf. AYOUB, op. cit.

³⁷ *Ibid.*, p. 42.

seja, para as coisas eternas espirituais. Assim, mas sem deixar de lado o testemunho da forma ereta do corpo, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus.³⁸

Agostinho defende, influenciado por Santo Ambrósio, que “a imagem divina no homem está na razão, inteligência ou *animus*”.³⁹ Na verdade, o homem é o ser superior e dominador⁴⁰ da criação por causa de sua racionalidade. “Sua superioridade sobre a vida irracional é cumulativa: o homem é semelhante a Deus como são os seres irracionais e distingue-se deles por assemelhar-se-lhe ainda mais”⁴¹, uma vez que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. O domínio da razão é chave para a conformidade do homem com a Verdade e a Felicidade, que promove a realização do homem numa vida de tranquilidade, felicidade e amor.⁴²

De modo mais sublime, essa consonância remete à perfeição original do homem, na qual ele não tinha pecados e contemplava diretamente, pela luz da sabedoria, a verdade interior, enquanto desfrutava “de abundantes delícias, prazeres e festins imortais e inteligíveis, que, incorruptíveis e racionais, alimentam verdadeiramente sua alma”.⁴³ Assim, entende-se que o alimento natural do intelecto humano é a contemplação orientada para o interior, e a fonte é a verdade, de onde emanam os bens divinos capazes de saciar a alma racional. Assim nutrida, a razão pode comandar as percepções sensoriais.⁴⁴

Em suma, a imagem de Deus comunica a posição natural do homem: o repouso, o conhecimento da verdade e a felicidade. Aí, “o ser, o conhecer e o amar são plenamente aderentes entre si, regrados pela razão e intimamente inspirados pela radiância direta da Verdade eterna”.⁴⁵ É na iluminação perene, onde a Verdade ordena e a razão a contempla, que o homem, submisso ao imperativo da Verdade, atinge a perfeição consumada pelo Verbo.

No *Comentário literal ao Gênesis, inacabado*, Agostinho argumenta que é privilégio exclusivo da natureza humana o ser imagem e semelhança. Por um lado, isso lhe abre a intimidade com Deus; por outro lado, isso depende da condição moral do homem: “nem tudo

³⁸ *Gn. c. Man.*, I, xvii, 28.

³⁹ AYOUB, op. cit., p. 43.

⁴⁰ “A domabilidade é interpretada por Agostinho em sentido espiritual. Em relação à alma humana, significa o comando da inteligência sobre as faculdades comuns à vida irracional. Assim, a alma humana deve governar-se pela temperança e pela moderação, resultantes da primazia racional que abaliza as ações a partir da fonte interior da Verdade” (AYOUB, 2011, p. 44). Se as concupiscências racionais (concupiscência carnal, curiosidade e orgulho) forem domadas pela razão, segundo os termos da hierarquia de semelhanças com Deus e a inspiração e orientação da Verdade, “então o homem conhece a vida feliz e tranquila, isto é, a alegria dos amores santos, castos e bons” (ibid.).

⁴¹ AYOUB, op. cit., p. 43.

⁴² Cf. AYOUB, 2011.

⁴³ AYOUB, op. cit., p. 48.

⁴⁴ Cf. AYOUB, op. cit.

⁴⁵ AYOUB, op. cit., p. 50.

foi feito à mesma semelhança, mas somente a substância racional, porque todas as coisas foram feitas por ela, mas à sua semelhança somente a alma”.⁴⁶ E Agostinho conclui: “Com efeito, a mente humana a nada se une a não ser à própria Verdade, que é semelhança e imagem do Pai e se denomina sabedoria; mas, isso a mente humana não percebe, se não for pura e feliz em extremo”.⁴⁷ Em resumo, o homem tem acesso à relação direta, mas ele deve se reiterar moralmente a fim de reconhecê-la.⁴⁸

A criatura humana pode contemplar intimamente a iluminação trinitária a partir do exame de sua própria estrutura, aquela tríade de existência, conhecimento e vontade traçada pelo Pai, Filho e Espírito Santo. Não obstante a distância ontológica que há entre ela e seu Criador, há um elo indissolúvel e íntimo entre eles⁴⁹. Essa tríade “remete ao que há de imortal na natureza humana e revela o que lhe está distante [a Trindade]”⁵⁰.

A fim de expressar a inclinação da alma humana para Deus, levando-se em consideração a sua capacidade de viver, de conhecer e de querer, Agostinho tece o conceito de infirmitade exordial, isto é, o estado de incompletude da matéria espiritual que aponta para a perfeição, a ser atingida somente na adesão a Deus, onde ela finalmente encontrará a felicidade a que aspira. Em suma, a infirmitade exordial é a “vida informe do homem como mandamento interior de realização na adesão a Deus”.⁵¹ A alma tanto necessita da realização em Deus quanto é naturalmente capaz disso, por ser criatura feita à imagem de Deus.

A alma se orienta para Deus e nele alcança a perfeição, a felicidade e a sabedoria a partir da iluminação do Filho, que causa duas conversões: instaura a ideia de homem na matéria espiritual e promove a criatura humana ao ser imagem e semelhança divina (primeira conversão); e faz a alma passar de uma vida qualquer, informe e mutável, para a vida feliz, cujo bem imutável é o próprio Filho (segunda conversão).⁵²

O homem que alinha sua vontade ao querer divino, segundo sua posição hierárquica na natureza (abaixo de Deus e acima das criaturas), se aproxima e se submete moralmente com relação ao Verbo de Deus, seu modelo, ao passo que este lhe fala intimamente e lhe sustenta essencialmente. Em outras palavras, “convertido para a Luz interior, o homem vai

⁴⁶ *Gn. litt. imp.*, XV, lix.

⁴⁷ *Gn. litt. imp.*, XV, lx.

⁴⁸ Cf. AYOUB, op. cit.

⁴⁹ Ao comentar o Livro I das *Confissões*, Leopoldo e Silva (apud AYOUB, 2011, p. 85), afirma: “Por mais que o homem se afaste de Deus, não transformará sua natureza de criatura, isto é, não romperá o laço ontológico expresso na divinização que se inscreve na obra da criação” (importante esclarecer que, nesse contexto, o afastamento é moral, não sendo o mesmo que o distância ontológica insuperável entre o homem, criatura, e Deus, Criador).

⁵⁰ AYOUB, 2011, p. 78.

⁵¹ *Ibid.*, p. 81.

⁵² Cf. AYOUB, op. cit.

paulatinamente se interiorizando para que, enfim, viva sabiamente e, tal como Adão, nutra-se com alimento espiritual, o único que sacia”.⁵³

O caminho para a conformidade do homem com Deus é o conhecimento que ele precisa ter a respeito da Trindade. Para tanto, é necessário se voltar ao modo como isso acontece, considerando a ação trinitária no ser, no intelecto e na vontade do homem, bem como a gradual ascensão do homem em vista de seu fim último e sua perfeição em Deus.

2.2 O conhecimento de Deus

A teoria agostiniana da iluminação trinitária foi estudada ao longo do século XX como doutrina acerca do conhecimento. Logo, há tradicionalmente uma ênfase epistemológica no conhecimento da Verdade. Acontece que considerações de ordem ontológica, lógica e moral se destacaram no final desse período histórico e se diferenciam, de certo modo, à abordagem epistemológica da doutrina agostiniana de iluminação.⁵⁴

A abordagem epistemológica, vista no âmbito da lógica, e as temática ontológica e moral fornecem uma visão integral e profunda da ação iluminativa de Deus no homem e da resposta deste à moção interior divina. Para tanto, é preciso ter em mente os conceitos de estrutura tripartite e da atribuição de medida, número e peso a cada Pessoa da Trindade, já trabalhados anteriormente. Além disso, importa frisar que o conhecimento racional das realidades transcendentis se dá por analogia, fazendo juízos das coisas sensíveis (até porque Agostinho não nega isso, mas enfatiza a primazia da luz divina no que se refere às verdades superiores).⁵⁵

O conhecimento, para Agostinho, se dá a partir da relação do Filho com a razão humana. Ele forma a razão nos sentidos ontológico, lógico e moral, de modo que a razão perceba uma luz em si a conduzi-la em seus julgamentos, escolham e direcionamento de vida.

Primeiramente, a razão é semelhante ao Filho, pois contempla a luz que a ilumina. [...] ou seja, pela razão iluminada, a alma pode deixar de perde-se na atividade sensível para se voltar à contemplação das verdades eternas. Em relação à lógica, o

⁵³ Ibid., p. 85.

⁵⁴ AYOUB, 2011, p. 18.

⁵⁵ “A alma racional é, pois, a única capaz de transcender a dimensão da sensibilidade, além de ser essencialmente apta para, também discriminar e ordenar hierarquicamente sua experiência. Nesse sentido, o exercício do homem interior implica o julgamento dos dados sensíveis, não a partir de uma doação pessoal de valor, ou seja, construindo por si mesmo o sentido da realidade, mas recorrendo às razões eternas que o sobreexcedem [...]. Conforme essa epistemologia, a alma racional reconhece uma proposição verdadeira como algo que não é por ela determinada (sic). É necessário, então, que a verdade se situe num nível superior à própria alma humana. Logo, essa consideração vem a ser imprescindível para compreender o porquê da exigência de uma dialética ascensional na filosofia agostiniana” (CHACON, 2019, p. 138 et seq.).

Filho faz com que o homem tenha ‘olhos’ racionais, ou seja, inteligência capaz de conhecer o que não provém da experiência sensível, direta ou indiretamente. [...] Nessa escalada, a alma se volta para si mesma, e percebe que sua busca pelo imutável depende de certo conhecimento do que é ser imutável [...].⁵⁶

A iluminação insere a razão humana na participação do Ser e da Verdade eterna, por se referir propriamente ao conhecimento do inteligível. Por ela, o homem passa a fundamentar suas escolhas e julgamentos na conhecimento das leis eternas de Deus, de modo que, mesmo enunciando “juízos quanto à realidade sensível”, ele recorre a “noções inteligíveis como beleza, harmonia, valores matemáticos, dentre outras”.⁵⁷

O Filho fala ao homem também exteriormente, por meio do Evangelho, mas sobretudo interiormente, enquanto Verbo e Mestre interior da alma, fazendo-o chegar à Verdade Eterna, ao conhecimento sublime, porque se encontra no interior da razão humana a iluminá-la. Enfim, para Agostinho, a iluminação da razão pelas ideias divinas fica mais evidente quanto mais se eleva na direção do Ser, e o espírito humano, despojado moralmente, percebe mais a iluminação à medida que se torna sábio e puro. O processo culmina na visão beatífica, em que a mente já conseguiu elevar-se acima de si.⁵⁸

A ação iluminativa do Filho se concentra na capacidade e atividade da mente humana. Entretanto, ela também estabelece de modo dinâmico o estatuto ontológico, lógico e moral do homem, uma vez que promove a realização plena e pessoal (nível ontológico), o conhecimento das verdades úteis à salvação (nível lógico) e a conversão e absorção da pecaminosidade (nível moral). A finalidade é fazer o homem alcançar a Felicidade e participar da Sabedoria.⁵⁹

Ora, a iluminação é promovida por toda a Trindade também no que tange ao conhecimento de Deus, uma vez que o Pai fez a criatura racional para ser iluminada, o Filho a ilumina para ser plenamente formada, sendo seu modelo e imagens perfeitos, e o Espírito é a vontade amorosa de Deus a inspirar o homem na busca da ciência do Verbo e a conduzi-lo para o Cristo.⁶⁰ Já foi esclarecido o modo de ação iluminativa do Filho. Merece destaque, agora, a ação da Terceira Pessoa nesse processo.

O conhecimento de Deus requer que o homem saiba qual é a vontade divina, criadora do mundo. Pois bem, segundo Agostinho (tomando o texto de Gn 1, 2), o Espírito Santo é “a

⁵⁶ Ibid., p. 87.

⁵⁷ CHACON, 2019, p. 140.

⁵⁸ Cf. AYOUB, op. cit.

⁵⁹ Cf. AYOUB, 2011.

⁶⁰ Cf. Ibid.

vontade de Deus que [...] estava por sobre as obras a serem criadas”.⁶¹ Portanto, é preciso ter intimidade com o Espírito, e isso acontece ao se viver a caridade, com fé, pureza de coração e boa consciência.⁶² Para Agostinho, o processo de conhecimento de Deus visa à purificação e beatificação do espírito. “Conhecer Deus depende da pureza da alma. Enquanto permanece ímpio, o homem é incapaz de compreender a vontade de Deus”.⁶³

Nesta vida, o homem caminharia errante, se não fosse o Amor divino, pela graça do Espírito Santo, a socorrê-lo e fazê-lo voltar para o Verbo. Na verdade, o Amor de Deus no coração humano é o guia interior e supereminente nessa jornada rumo à Sabedoria e à Felicidade eternas, onde o homem busca sua realização enquanto pessoa, criatura do Pai.⁶⁴ “Somente ao alcançar o repouso supremo e o conhecimento da Verdade, a alma humana terá cumprido seu processo de formação como imagem”.⁶⁵

Caso a perfeição da alma não se realize, ela cai na incompletude absoluta, isto é, na desordem e na dessemelhança. Portanto, a vida humana é “programa” a ser realizado, mais do que uma “estrutura” dada.⁶⁶

Portanto, o conhecimento de Deus é um ato salvífico, pois livra o homem das trevas do erro e da ignorância e torna a criatura feita pelo Pai conforme ao seu modelo, o Verbo, pela ação amorosa do Espírito, que move a vontade para a realização da alma humana. Esse é o contexto da redenção do homem operada em Cristo, Verbo de Deus encarnado.

3 A REDENÇÃO HUMANA EM CRISTO

Visto que a iluminação tem como grande meta a perfeição da criatura humana, a Trindade quis, por desígnio de sua bondade, manifestar-se no interior do homem. Assim, poderia resgatá-lo de seu pecado, levando-o à sabedoria.

De fato, o pecado e o orgulho ofuscam o conhecimento de Deus, e “abriu-se-nos um caminho para a morte pelo de Adão”⁶⁷, e “o gênero humano foi entregue ao poder do demônio, com a transmissão do pecado original do primeiro homem a todos os que nasçam da união dos

⁶¹ Ibid., p. 32.

⁶² Tm 1, 5.

⁶³ AYOUB, op. cit., p. 33.

⁶⁴ “O Pai faz a criatura espiritual para que seja iluminada; o Filho ilumina concedendo a formação inicial, a reformulação e o modelo perfeito de imagem; o Espírito é a vontade amorosa de Deus que move a vontade humana para Cristo, bem como é aquele que a inspira na busca da ciência de Cristo” (AYOUB, 2011, p. 95)

⁶⁵ AYOUB, op. cit., p. 94.

⁶⁶ Cf. AYOUB, op. cit.

⁶⁷ *Trin.*, IV, xii, 24.

dois sexos”.⁶⁸ Contudo, Deus não abandona o homem em sua miséria, mas ilumina-o e, assim, revela-se. “A iluminação da razão humana, como conhecimento, manifesta a ação de Deus Eterno, Sábio e Bom na criatura mutável, racional e pecaminosa”.⁶⁹

3.1 O homem nas trevas do pecado

Depois da queda original⁷⁰, a capacidade de o homem conhecer foi afetada drasticamente. O homem, então, passou a ter necessidade de ser iluminado e redimido, pois caiu nas trevas, na obscuridade. O Verbo foi quem assumiu a missão de salvar o homem, submetendo-se à inferioridade humana na Encarnação, “com o intuito de fazer-se mais perceptível àqueles cujo coração se encontra maculado pelo pecado”.⁷¹

Agostinho observa que, com a entrada do pecado no mundo, a alma humana ficou desgovernada e acabou por se render às concupiscências. Assim, ela passou a buscar a satisfação sensível e se voltou para o corpo, que já bastasse ser-lhe inferior, agora se tornou mortal pelo pecado. Eis aí a inversão da hierarquia divina: “a alma racional se curva ao perecível e busca satisfazer-se tal qual um animal, que ela não é”.⁷²

Observa-se que, se a obediência ao imperativo da verdade salvaguarda a ordem e o equilíbrio da natureza humana (a razão perante Deus, o corpo e as criaturas), a desobediência de Adão provocou a transgressão do comando divino (a ordem interior) e a inversão artificial da atenção do homem para a exterioridade. “O pecado é, por isso, um movimento que exila a alma de sua própria intimidade”.⁷³

Quando a alma era irrigada por esta fonte [interior]⁷⁴, ainda não lançara para fora as coisas íntimas mediante a soberba. Pois, “o princípio da soberba é afastar-se do Senhor”.⁷⁵ [...] O que é a soberba senão querer parecer o que não é, ao abandonar o recôndito da consciência? (*Gn. c. Man.*, II, v, 6).

⁶⁸ *Trin.*, XIII, xii, 16.

⁶⁹ AYOUB, 2011, p. 19.

⁷⁰ Gn 3, 6-7.

⁷¹ AYOUB, op. cit., p. 31.

⁷² *Ibid.*, p. 45.

⁷³ *Ibid.*, p. 51.

⁷⁴ Gn 2, 6.

⁷⁵ *Eclo* 10, 12.

Abbud⁷⁶ destaca o pensamento de Agostinho a respeito da deformação do homem não modelado ao Filho: além de ele não viver sabiamente, por não aderir ao seu modelo, “a recusa da direção luminosa implica a perversão, o que caracteriza uma vida de morte”. Desse modo, o homem com a vontade pervertida não mais vive na interioridade nem busca o superior, segundo seu vínculo de semelhança com Deus. Porém, alterando as prioridades de sua vida, “se volta para as criaturas inferiores; e, esvaziando-se por dentro, pavoneia-se exteriormente”⁷⁷ - pois “o pecado é uma dispersão voluntária de si no exterior e em direção ao inferior”, numa dimensão diametralmente oposta à felicidade⁷⁸.

Todavia, “o pecado hierarquicamente não altera e não poderia alterar a ordem divina à qual o homem pertence e se submete, ou seja, a desordem decorrente do pecado limita-se ao âmbito humano e só pode modificar o modo como o homem se orienta nessa ordem”.⁷⁹ Em suma, o pecado não degrada a imagem divina no homem, pois esta é assegurada pela ação divina, que é superior à humana - e a força racional atesta isso.

Embora a perversão do homem, causada pela iniquidade, não altere a ordem da criação estabelecida por Deus, afeta o relacionamento humano com o Criador. Assim, a vontade humana, mesmo afetada pela mancha do pecado e a dispersão da miséria, continua tendo como objeto a Felicidade e, portanto, “é uma vontade de Deus, por definição”.⁸⁰ Acontece que o homem está longe de Deus, vivendo a chamada “nostalgia da felicidade original”⁸¹, a qual lhe causa interiormente uma inquietude desordenada. Por isso, ele acaba buscando satisfações externas. Em suma, ele continua buscando a felicidade, mas num fim que não é a Trindade.

E desde agora arrancas deste abismo profundo a alma que te procura, que tem sede de tuas alegrias e que diz em seu coração: “Busquei a tua face, Senhor, e a buscarei sem cessar”.⁸² Longe de tua face, caímos nas trevas da paixão. [...] Basta mergulhar nas paixões, isto é, nas trevas, para ficar longe de tua face.⁸³

Quando o homem cai no erro, o Filho o ilumina, a fim de fazê-lo voltar-se novamente a Deus: “a ação do Verbo consiste na iluminação da razão e resgata o homem, convertendo-o,

⁷⁶ ABBUD, Cristiane Negreiros. **Iluminação trinitária em Santo Agostinho**. São Paulo: 2007, p. 92.

Disponível em:

<http://www.livrosgratis.com.br/download_livro_117045/iluminacao_trinitaria_em_santo_agostinho>. Acesso em: 6 ago. 2019.

⁷⁷ *Conf.*, VII, xvi, 22.

⁷⁸ ABBUD, op. cit., p. 93.

⁷⁹ AYOUB, 2011, p. 43.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 94.

⁸¹ *Ibid.*, p. 51.

⁸² SI 27(26), 8.

⁸³ *Conf.*, I, xviii, 28.

levando-o a ascender na direção de Deus”.⁸⁴ Todavia, ao ser atingida pela luminosidade divina interior, a alma, em estado de enfermidade moral que enfraquece a razão, “não suporta enxergar sua própria tenebrosidade e treme de amor por Deus e de horror com sua dessemelhança”.⁸⁵ O homem pecador, impossibilitado de contemplar pacificamente a Verdade⁸⁶, sofre por sua mazela ao contemplar a luz; o sofrimento, porém, faz parte da elucidação do homem.⁸⁷

A dessemelhança para com o Filho, cuja consciência o homem passa a tomar quando percebe a iluminação divina, “equivale à escuridão moral, à exteriorização do si-mesmo”, causada quando o homem está imerso no apego às coisas inferiores, isto é, no falso amor ou nas “trevas da paixão”, como define Agostinho⁸⁸, disperso do conhecimento de Deus.

3.2 A iluminação na economia da salvação

O homem, após o pecado, experimentou sobretudo o afastamento de Deus e a morte espiritual, além de sofrer as consequências da mortalidade em seu corpo. Porém, como foi dito acima, Deus não o abandonou à própria sorte. Eis então o mistério da Encarnação: o Verbo se fez carne e habitou entre os homens, cheio de graça e Verdade,⁸⁹ a fim de redimir a humanidade e elevá-la a Deus.

Por essa razão, Deus assumiu o peso de nossa carne, como Jesus Cristo (homem sem pecados), despejando abundantemente a Verdade pelo Evangelho; e prometeu que, se um homem beber dessa água, voltará a beber intimamente da fonte referida na narração do Paraíso, sendo sua alma restabelecida e feliz por toda a eternidade.⁹⁰

Por meio da vinda do Princípio e Verbo ao mundo, o homem atestou que Deus o ama e deseja que ele participe de sua vida feliz, não obstante todo o mal que o homem livremente escolheu viver. De fato, Deus se revela em Cristo como “redentor dos pecados humanos e mediador, e se oferece como via única de retorno para a felicidade eterna, verdadeira e plena, Deus. O Filho permanece imutável e caracteriza-se por ser um constante voltar-se de Deus para as criaturas”.⁹¹

⁸⁴ AYOUB, 2011, p. 88.

⁸⁵ Ibid., p. 89.

⁸⁶ Vale lembrar que, mesmo assim, a razão continua capaz de Deus, porque da natureza humana feita à imagem da Trindade.

⁸⁷ Cf. AYOUB, op. cit.

⁸⁸ *Conf.* I, xviii, 28.

⁸⁹ Jo 1, 14.

⁹⁰ AYOUB, op. cit., p. 51.

⁹¹ AYOUB, 2011, p. 32.

Porque o Filho se tornou o redentor do gênero humano, a luz é associada a ele por Agostinho também no contexto salvífico. Assim, a luz a qual o texto bíblico em Jo 1,9 se refere (“Ela era a luz verdadeira, que, vindo ao mundo, a todos ilumina”) é luz para a razão humana e nutre os corações dos convertidos, os quais se tornam capazes de rejeitar o amor sensível, carnal e temporal em prol dos preceitos divinos. Essa luz age sobre a razão, proporcionando o conhecimento, e direciona a vontade, gerando o amor no coração.⁹²

Essa obra de amor e conversão é operada pelo Verbo encarnado, pois é a partir de sua intervenção que os homens formam-se perfeitamente segundo a vontade divina. Quando o Filho opera a passagem da vida informe à vida feliz (segunda conversão)⁹³, ele resgata o homem pecador, que “afastou-se e tornou-se adverso à luz, vivendo uma vida tenebrosa e semelhante ao abismo, ou seja, tornando-se trevas”.⁹⁴ Então, o Verbo, por misericórdia - “a tua misericórdia não abandonou nossa miséria”⁹⁵ - “reconvoca a criatura iniciando um processo de reformação e de iluminação: se antes vivia uma vida de morte, a partir da conversão poderá viver conforme a sabedoria”.⁹⁶

Do que depende do homem, esse processo é trabalhoso, exige dele participação ativa, mesmo que ainda esteja na escuridão pelo apego aos pecados. Isso significa adesão máxima ao projeto divino e despojamento de tudo aquilo que impede a reflexão da Imagem de Deus, que Agostinho chama de “nossa luz”:

[...] para um espírito criado, viver não é o mesmo que viver sapientemente [...]. Para o espírito, o ver sempre unido a ti é um bem, de modo a não perder, afastando-se de ti, a luz que conquistara ao voltar-se para ti, e a não resvalar para uma vida semelhante a um abismo de trevas. Também nós, pela alma somos criaturas espirituais; no entanto, nos afastamos de ti, que és a nossa luz, e fomos trevas; e, por entre os restos de nossa escuridão, penamos até que, em teu único Filho, nos tornemos tua justiça, como as montanhas de Deus.⁹⁷

Nessa busca por corresponder ao desígnio original do Pai e se configurar ao Verbo, o homem conta com o fervor do Espírito Santo, que inflama nele o desejo por encontrar o caminho para Deus. Nessa experiência, o homem reflete sobre si mesmo à luz divina e reconhece-se débil em comparação com a pureza de Deus. Por isso, confiante, suplica ao Senhor que se compadeça de sua miséria, até receber o penhor da salvação mediante o único

⁹² Cf Ibid.

⁹³ Sobre a segunda conversão, ver acima “2.3 Homem *imago Dei*” (p. 8).

⁹⁴ ABBUD, 2007, p. 92.

⁹⁵ *Conf.*, XIII, xii, 13.

⁹⁶ ABBUD, op. cit., p. 93.

⁹⁷ *Conf.*, XIII, ii, 3.

Salvador e iluminador dos homens, Cristo. Impelido pela caridade⁹⁸ e pela Ciência divina, o homem se vê ansioso por alcançar a comunhão com seu Deus Criador.⁹⁹

Enfim, Agostinho sustenta que a iluminação, no homem, é uma participação no Verbo. Ela promove a purificação e a cura de todos aqueles que antes viviam nas trevas, ou seja, tinham a mente obscurecida e o coração fechado para Deus, por causa de suas concupiscências e infidelidades, mas que agora creem. O sangue de Cristo e a humildade de Deus livraram a criatura humana do pecado e a habilitaram para essa participação.

Acrescentando pois a nossa semelhança de sua humanidade o Filho de Deus despiu-nos da dessemelhança de nosso pecado. E tornando-se participante de nossa mortalidade, fez-nos participantes de sua divindade. A morte do pecador, merecida pela condenação, foi expiada pela morte do justo, dádiva de sua misericórdia.¹⁰⁰

A iluminação rendeu à economia da salvação, pelo mistério da Encarnação, a divinização do homem. “Com efeito, não somos Deus por natureza; somos homens; e não somos justos devido ao pecado. Assim, Deus feito homem justo, intercede junto a Deus pelo homem pecador”¹⁰¹. Com a redenção do homem naquele que é Luz que brilha nas trevas¹⁰², é possível à criatura humana o conhecimento da Verdade e o gozo da Felicidade pela comunhão plena e definitiva com seu Criador.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem foi criado por Deus à sua imagem com a dignidade de pessoa, segundo o modelo do Verbo, a Segunda Pessoa da Trindade. Com isso, ele existe e vive regido pelas leis da criação, mas pode conhecer e amar o Criador de maneira livre e voluntária. Ao escolher por Deus, o homem vive sua inclinação natural à relação de amor com o Ser supremo e, assim, reconhece-o como seu bem último.

É certo que o homem é digno de comunhão com Deus especialmente por ser imagem da Trindade e ter sido feito segundo o modelo da Semelhança divina (o Verbo). Na verdade, ele foi concebido bom em seu estado original, ou seja, em justiça e em santidade, livre da má

⁹⁸ 2Cor 5, 14.

⁹⁹ *Trin.*, IV, 1.

¹⁰⁰ *Trin.*, IV, 2, 4.

¹⁰¹ *Ibid.*

¹⁰² Jo 1, 5.

concupiscência e retamente orientado para a beatitude. Assim, o Senhor o atrai desde o interior de sua alma, restaurando seu ser, iluminando seu intelecto e inflamando sua vontade.

Impelido pelo desejo de Deus, que vem de seu íntimo, a criatura humana pode superar seu pecado e louvar o seu Criador, o sumo e único Bem. “Tu o incitas para que sintas prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”¹⁰³, clama Santo Agostinho.

ABREVIATURAS DAS OBRAS AGOSTINIANAS¹⁰⁴

Conf. (*Confessionum libri tredecim* - Confissões)

Gn. c. Man. (*De Genesi contra Manicheos libri duo* - Comentário ao Gênesis contra os Maniqueus)

Gn. litt. imp. (*De Genesi as litteram liber unus imperfectus* - Comentário literal ao Gênesis, inacabado)

Trin. (*De Trinitate libri quindecim* - A Trindade)

REFERÊNCIAS

ABBUD, Cristiane Negreiros. **Iluminação trinitária em Santo Agostinho**. São Paulo: 2007. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/download_livro_117045/iluminacao_trinitaria_em_santo_agostinho>. Acesso em: 6 ago. 2019.

AGOSTINHO. **A Trindade**. Trad. Agostinho Belmonte. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística; 7)

_____. **Comentário aos Gênesis**. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. (Patrística; 21)

_____. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística; 10)

_____. **Solilóquios**. Trad. Adaury Fiorotti. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística; 11)

AYOUB, Cristiane Negreiros Abbud. **Iluminação trinitária em Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2011.

¹⁰³ *Conf.*, I, i, 1.

¹⁰⁴ Cf. AYOUB, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida. **O conhecimento de Deus a partir da obra *De Trinitate de Santo Agostinho***. 2017. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/civaug/article/view/3907/3656>>. Acesso em: 21 set. 2019.

Brasília – DF, 24 de setembro de 2019.